

AS INTENÇÕES FRUSTRADAS

■ **Governo matricial** — Inspirado na autoridade que o ex-presidente Ernesto Geisel exercia sobre sua equipe, Fernando Henrique sonhou com um ministério absolutamente subordinado ao Planalto, por meio de câmaras temáticas coordenadas pelo chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho. Nem os ministros trabalharam em sintonia, nem Carvalho cumpriu o papel de "segundo" do Presidente. José Serra e Pedro Malan não se entenderam sobre reforma tributária e disputam espaço na condução da economia. Adib Jatene, paradigma do "ministério de craques", ameaçou pedir demissão por causa do secretário do Tesouro, Murilo Portugal.

■ **Reforma a jato** — Embalado pela vitória no primeiro turno, o Governo acreditou que o voto no Plano Real era garantia de apoio da sociedade às reformas constitucionais. Chegou a anunciar o projeto de reforma como prioridade do Governo. Para viabilizá-las, acenou aos pequenos partidos e fez um acordo com o presidente do PMDB, o deputado Luiz Henrique, o que lhe daria maioria teórica de três quintos na Câmara e no Senado. A maioria era só teoria, como demonstraram as primeiras batalhas nas comissões temáticas e especiais da Câmara — uma sucessão de derrotas.

■ **Conselho Político** — Fernando Henrique cismou de ter uma "relação institucional com os partidos", conversando com seus presidentes em um Conselho Político do mais alto nível. A idéia era bonita, mas o conselho não. O PFL saía de cara com dois votos, graças à afinidade entre seu presidente, Jorge Bornhausen, e o ex-deputado Pimenta da Veiga, que ocupava a vaga do PSDB. O PMDB, com nenhum, pois o deputado Luiz Henrique chegou ao cargo de presidente do partido quase por acidente, sem controle sobre a bancada. O que deveria ser o núcleo do poder transformou-se em assembléia estudantil, quando agregou presidentes e líderes do PP, PTB e PL, mais os três líderes e incontáveis vice-líderes instalados pelo Governo no Congresso.

■ **Modelo mexicano** — Antes mesmo da posse, o Governo foi atingido pela crise do México, economia que funcionava como um paradigma para a equipe que criou o Plano Real. O desastre mexicano teve dois efeitos: uma fuga em massa de capitais especulativos, que afetou todos os mercados latino-

americanos, e uma fissura na credibilidade da política cambial que sustentou o plano em seus primeiros meses.

■ **Palanque permanente** — Terminada a eleição presidencial, que teve seu prolongamento em disputas estaduais de segundo turno vencidas pela aliança PSDB-PFL, desfez-se a mobilização que sustentou a implantação do Plano Real e deu a vitória a Fernando Henrique. O Governo só começou a perceber a nova credibilidade na terceira semana de março. Fernando Henrique constatou que não contava mais com a mobilização das lideranças empresariais, dos formadores de opinião e, principalmente, dos eleitores para defender o plano, que julgava ameaçado. Houve um diagnóstico de que o Governo pecava por falta de comunicação. O secretário da área, Roberto Muiyaert, achava que não era com ele, mas acabou pedindo o boné.

■ **Congresso modernizado** — O Governo jogou todas as fichas para garantir a eleição de José Sarney (PMDB-AP) e Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), respectivamente, para as presidências do Senado e da Câmara. Não era apenas um compromisso de campanha, assumido na formação da aliança com o PFL e o grupo não quercista do PMDB. No fundo, o Governo apostava que os dois políticos poderiam impulsionar a votação das reformas controlando postos estratégicos do Congresso. De fato, Sarney e Luís Eduardo impuseram um ritmo acelerado aos deputados e senadores, mas isso não ocorre em benefício do Governo. Ao contrário, limpando a pauta de votações, eles estão devolvendo ao Senado e à Câmara o poder de legislar.

■ **Continuidade sem sustos** — Desde que a eleição de Fernando Henrique passou a ser pule de 10, vendeu-se a ilusão de que o ex-ministro da Fazenda teve a candidatura criada pelo antecessor e ex-chefe Itamar Franco. Era conveniente para os dois e estimulou a idéia de um governo de continuidade, "sem sustos". Servia para acalmar o mercado e esvaziar especulações. A continuidade, como se viu, era apenas do Plano Real e do emprego para alguns amigos do ex-presidente. Houve sustos na política de importações e de câmbio. Fernando Henrique gastou três meses para convencer Itamar a partir para o exílio, na embaixada do Brasil em Lisboa.